

O ROMANCE HISTÓRICO NA AMÉRICA HISPÂNICA
UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE O PERCURSO CRÍTICO E TEÓRICO DO GÊNERO
THE HISTORICAL NOVEL IN HISPANIC AMERICA
A BRIEF APPROACH TO THE CRITICAL AND THEORETICAL ROUTE OF THE GENRE

ROGÉRIO MAX CANEDO | Doutor em Literatura, com ênfase em Literatura Comparada de Língua Portuguesa, pela Universidade de Brasília (UnB), com Doutorado Sanduíche (PDSE) pela Universidade de Lisboa, Portugal. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa) pela UFG. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa e Ensino de Literaturas na UFG.

RESUMO

O texto é um breve esboço sobre a crítica feita acerca da produção do romance histórico na América hispânica. Para tanto, foram convocados nomes como Lukács (1966), Menton (1993), Elmore (1997), entre outros estudiosos que vêm traçando as linhas gerais dessa espécie de narrativa ficcional de extração histórica, produzida nas últimas décadas nesse espaço geopolítico.

Palavras-chave: romance histórico; América hispânica; colonização.

ABSTRACT

The text is a brief sketch about the criticism regarding the production of the historical novel in Hispanic America. Therefore, names such as Lukács (1966), Menton (1993), Elmore (1997), were requested, among other scholars who have been delineating the general lines of this kind of fictional narrative of historical extraction made in the last few decades in the mentioned geopolitical space.

Keywords: historical novel; Hispanic America; colonization.

RESUMEN

El texto es un breve resumen de las críticas acerca de la producción de la novela histórica en la América española. Fueron llamados nombres como los de Lukács (1966), Menton (1993), Elmore (1997), entre otros estudiosos que vienen trazando el contorno de este tipo de narrativa de ficción histórica de la extracción, producidos en las últimas décadas en este espacio geopolítico.

Palabras clave: novela histórica; Hispanoamérica; la colonización

O romance histórico contribui na medida em que preenche as lacunas deixadas pela ciência.

Mata Induráin

De maneira geral, a literatura e a história sempre estiveram bem próximas. Em especial, o gênero romance foi o modelo de escrita literária que melhor se adequou a outra necessidade histórica do homem: recuperar, por vias da ficção, a sua história. A literatura, nesse ambiente, configurou-se como mecanismo de autoconhecimento da história dos povos. O romance, por sua vez, foi se fazendo, cada vez mais, capaz de reorganizar o pensamento humano acerca de sua própria existência. Desta feita, observamos que o diálogo entre literatura – como forma de produção artística –, história e romance – este como gênero específico – torna-se presente a partir de um modelo próprio de escrita: o romance histórico. Estamos diante de um gênero narrativo que surge, segundo a teoria de Georg Lukács (1966),¹ com o romancista Walter Scott e é difundido por toda a Europa e, posteriormente, América, encontrando um campo vasto de produção, especificamente na Hispano América, terreno profícuo para um gênero problematizador. Segundo Carlos Alexandre Baumgarten (Baumgarten, 2000 apud Lukács, 2011, p. 169), o romance histórico “desempenhou importante papel na construção da nacionalidade/identidades que almejavam se afirmar pela diferença”.

Nesse mesmo cenário, se olharmos para o caso brasileiro, ainda que esse não seja especificamente o campo de estudos aqui proposto, o romance foi um gênero que acompanhou atentamente as movimentações históricas do período de formação da nacionalidade pós-Independência, a saber, o romantismo. Para Antonio Candido (2013), esse período histórico cultural no Brasil apresentou um novo estado de discernimento em que os traços mais importantes discutidos e praticados foram o da consciência sobre o indivíduo e sobre a história e, nesse aspecto, “o romance se constituiu sobretudo na medida em que aceitou, como momento da imaginação criadora, o cotidiano e a descrição objetiva da vida real” (Candido, 2013, p. 344). De forma geral, para esse estudioso da literatura, as artes indiscutivelmente estão ligadas à vida social, à sua história e à dinâmica como se organizam o pensamento humano e as realidades práticas em sociedade. Esse pensamento perpassa toda a sua vasta obra como sociólogo e crítico literário, tanto que, em outro trabalho seu, Antonio Candido expressa que a arte, ao ser também um reflexo social, interessa pelos problemas que estão configurados na forma como essa mesma sociedade se ordena. Assim, o crítico discorre:

Dizer que ela [a arte] exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos

1 Apesar de utilizarmos a publicação de 1966, em espanhol, é importante dizer que a teoria de Georg Lukács, sobre o gênero aqui trabalhado, foi traduzida para o português e publicada pela editora Boitempo, em 2011, cujo título consta como *O romance histórico*, de György Lukács.

como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos. Talvez tenha sido madame de Staël, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre (Candido, 1965, p. 23).

No plano dos estudos literários o romance histórico, de acordo com os primeiros pressupostos lukácsianos, corresponde às narrativas cujo objetivo explícito consiste em promover uma apropriação dos fatos históricos de uma dada comunidade humana, de um determinado momento também histórico. O autor dessa espécie narrativa vai se valer de eventos factuais, buscando uma identificação entre sua criação e o fato, que será matéria fundamental de apropriação do que se tornará arte, literatura.

No caso dos países da América hispânica, essa especificidade narrativa foi largamente praticada em um momento em que as redefinições de nação, aliadas ao desejo de configuração da identidade e do conhecimento sobre o passado, se apontavam como uma necessidade e também como uma prática entre os romancistas. Nessa medida, coube ao romancista de ficção histórica a recuperação de um passado como pressuposto para configuração/compreensão do presente, como veremos adiante.

Um dos fundamentos do romance histórico seria, assim, a capacidade que tem esse gênero de trazer à tona uma versão mais justa, mais ampla e ao mesmo tempo mais específica da história de determinado povo, de dada localidade no âmbito da ficção. Seymour Menton, ao discorrer sobre a novela histórica romântica, produzida no século XIX, afirma que “a finalidade da maioria dos romancistas foi contribuir com a criação de uma consciência nacional familiarizando os seus leitores com personagens e sucessos do passado” (Menton, 1993, p. 36, tradução nossa).

Em relação ao percurso pelo qual passou esse tipo de narrativa, Georg Lukács mostra que vários romancistas partiram dos princípios scottianos, modificando-os, ora mais, ora menos, segundo as próprias concepções desses artistas acerca das necessidades históricas e de criação estética, de suas respectivas épocas. A partir do patrono, o processo criativo da narrativa ficcional-histórica não perdeu força, pelo menos até os primeiros anos do século XX. Segundo o teórico húngaro, os clássicos do romance histórico, produzidos durante o vasto século XIX, “plasmaram uma ampla e rica imagem da vida do povo e apresentaram o ‘indivíduo universal’ com a máxima síntese e personificação das principais tendências de uma transição importante na vida popular” (Lukács, 1966, p. 390).

Todavia, os vários teóricos que se dedicam a essa especificidade narrativa vêm mostrando a constante mutação dessa forma histórico-fictícia. É consenso, entre eles, que essa vulnerabilidade em relação aos primeiros pressupostos, aferidos em Scott, é fruto do próprio condicionamento socio-histórico do gênero romance que, segundo Bakhtin (1990), é mutável por natureza. Por outro lado, a própria história dos povos se incumbe da mutação do gênero fictício de extração histórica. Já no século XX, ao assentar-se sobre a América Latina, sobretudo nos países hispânicos, o romance histórico encontrou aspirações e cenário que o condicionou a um modo particular de criação, distinguindo-o, em certa medida, do protóti-

po estabelecido pelo teórico húngaro Lukács. Ao longo de dois séculos de produção dessa espécie narrativa, alguns países e momentos bastante específicos foram sobressalentes na produção do romance histórico.

Para Seymour Menton (1993), ao que parece, no atual momento a criação de narrativas de extração histórica tem se destacado nos países da América Latina, em especial, nos países hispânicos. Diante desse quadro, o que buscamos aqui é tentar mensurar justificativas que respondam às seguintes perguntas: 1. Após um período de auge de sua formulação, detectado no século XIX, depois de escassa ou quase inexistente produção do romance histórico na primeira metade do século posterior, como se apresenta esse tipo de produção na segunda metade do século XX nos países da América hispânica? 2. Qual é a razão da voga do romance histórico nesses países e o motivo do retorno à produção desse gênero já nas três últimas décadas antes da virada para o novo milênio? Para buscar compreender as questões que gerenciam esse tipo de produção no período e cenário aludidos, buscamos o diálogo com autores já citados, como Georg Lukács (1966) e Seymour Menton (1993), além de importantes estudiosos do romance histórico hispano-americano como Márquez Rodríguez (1991), Mata Induráin (1995), Marco Aurélio Larios (1997) e Peter Elmore (1997).

É consenso entre os estudiosos elencados a premissa de que uma das funções do romance histórico, produzido nos séculos XIX e XX, é o conhecimento do tempo presente por vias da recuperação do passado. O pretérito, nessa perspectiva, é retomado ao presente para fazer compreender este através de uma abordagem cíclica. Presente e passado ocupam espaços fulcrais no projeto de produção do romance histórico. No entanto, é importante fazer aqui uma breve distinção entre os motivos pelos quais o romance histórico foi largamente difundido no século XIX e o porquê de sua também vasta produção na segunda metade do século posterior. Segundo a teoria de Georg Lukács, sobre a produção de Walter Scott e seus sucessores, a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Itália, a Rússia, entre outros países do sistema geopolítico europeu, buscavam sedimentar um novo alicerce para as recentes diretrizes sociais, políticas, econômicas e culturais que foram fundamentalmente reconfiguradas, no mínimo, nos dois séculos anteriores a Scott. No caso dos romances do escocês, por exemplo, uma grande virada histórica se torna mote para a produção de suas narrativas de extração histórica. No cerne de seus enredos é o sistema de configuração social burguês, com seus avanços e seus fracassos, que aparece em detrimento do já derrotado feudalismo. Outros autores como Alexandre Dumas, Pushkin, Balzac e Tolstói, para citar apenas alguns, em uma ou outra medida, refletiram em seus romances históricos o saldo da nova classe social advinda das grandes Revoluções, Francesa e Industrial. Em síntese, o século XIX contou com um número importante de romancistas históricos que buscaram apresentar em suas narrativas uma corrente da sociedade que ia se definindo, com seus bônus e ônus, a partir de profundas mudanças sofridas em sua estrutura.

Parece haver na segunda metade do século XX, segundo têm apontado os novos estudiosos da narrativa de extração histórica, uma motivação bem pontual para a escrita dos romances históricos, nesse período surgidos. Na América Latina ganha força um movimento, por parte dos intelectuais das artes, da revisão dos pilares históricos sobre os processos de

colonização e emancipação desses povos. Os relatos históricos oficiais, comumente aceitos, já não se sustentam diante das contradições que eles apresentam em relação à configuração social dos países latino-americanos. É a partir da proximidade da comemoração dos quinhentos anos da descoberta das Américas, portanto, que uma vontade aguerrida de reavaliação e reverificação do passado passa a ser a tônica das narrativas de um vasto número de romancistas históricos dos países ex-colonizados na América hispânica, como veremos mais adiante, com forte influência também no Brasil.

O que se percebe, brevemente, é que os motivos da produção do romance histórico no século XIX e XX se alinham na medida em que o foco de privilégio é a compreensão da atual configuração social dos povos cujos romances representam. Por outro lado, as necessidades que impulsionam os romancistas de narrativas ficcionais de extração histórica são marcos ou monumentos históricos distintos. Todavia, o que o romance histórico das mais diferentes épocas parece pretender é a amostragem de pontos históricos que muitas vezes foram pouco abordados, ou silenciados, pela historiografia oficial e que, pelos caminhos da ficção, podem possibilitar uma visão ampla e complexa da organização da vida em sociedade.

Dessa forma, o romancista de extração histórica contribui para clarear a própria condição socio-histórica de seus contemporâneos, uma vez que “a relação do escritor com a história não é nada especial, ou isolado, antes constitui um importante elemento de sua relação com a realidade total e, particularmente, com a sociedade” (Lukács, 1966, p. 204, tradução nossa). Para Seymour Menton, o passado deve ser entendido como movimento contínuo que se presentifica, mesmo no caso de “ficções do futuro contanto que estas se apresentem como consequência do passado e do presente” (Menton, 1993, p. 33, tradução nossa). Nessa perspectiva “o passado é, ao menos parcialmente, uma forma embrionária do futuro” (Elmore, 1997, p. 26).

Percebe-se que o romance histórico, no afã de fazer compreender o passado pela ótica do presente, é regra geral. De tal maneira que o movimento de recuperação do passado como presentificação do mesmo é nota em romances históricos de quaisquer épocas. No caso relativo aos estudos da narrativa de extração histórica da América hispânica, isso não é diferente enquanto intento do romancista, tanto é assim que o autor destaca essa estratégia na medida em que a promove a partir de novos recursos de construção narrativa. Para Marco Aurélio Larios (1997), o novo romance histórico se empenha na crítica sobre o presente e tenta, conscientemente, através do desafio, da paródia, da ironia, da desconstrução, do anacronismo, da simultaneidade de tempos passados, uma visão totalizadora do mundo.

Para Seymour Menton (1993), o novo romance histórico hispano-americano já surge praticamente no marco que inicia a segunda metade do século XX, a saber, no ano de 1949 com a publicação da obra *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier. Mesmo tendo sido ajustado o ano de 1979 como aquele em que a produção do novo romance histórico ganha configurações de cultivo regular – dentro de um projeto de escrita consciente e de vontade coletiva dos escritores –, produções anteriores marcam datas como as de 1949, 1974 e 1975 como momentos em que se observa a publicação de romances muito próximos entre si e com diferenças destacáveis em relação ao modelo scottiano. Para Menton, essa produção, agora em ascensão, se distingue daquele modelo por um conjunto de escolhas técnicas e

ideológicas de elaboração, empreendidas pelos autores do novo romance histórico. Nesse espaço, destacam-se:

1. A subordinação, em diferentes graus, da representação mimética de certos períodos históricos à representação de algumas ideias filosóficas (as ideias que se destacam são a impossibilidade de se conhecer a história ou a realidade; o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta, ou seja, os sucessos mais inesperados e mais assombrosos podem acontecer);
2. A distorção consciente da história mediante omissões, exageros e anacronismos;
3. A ficcionalização de personagens históricos, diferentemente de Scott, com seus protagonistas fictícios;
4. A metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação;
5. A intertextualidade;
6. Os conceitos de Bakhtin acerca do dialogismo, do carnavalesco, da paródia e da heteroglossia (Menton, 1993, p. 42-44, tradução nossa).

É possível identificar algumas razões pelas quais surge a voga do novo romance histórico na América hispânica. Para Seymour Menton, uma delas tem sido o ascendente interesse das universidades pela re/leitura da história e o enfoque das mesmas pela revisão da história colonial, que ao mesmo tempo se junta, em alguns casos, com o estudo dos novos romances históricos que tratam da mesma temática. Todavia, como dissemos, o que parece mais saliente em relação ao surgimento e aumento da produção de novas novelas históricas parece ter sido a proximidade da comemoração dos quinhentos anos da colonização da América. Segundo o estudioso,

mesmo que todos os congressos e todas as celebrações a respeito do quinto centenário tenha contribuído, sem sombra de dúvidas, para o auge da novela histórica e para o questionamento do papel da América Latina no mundo depois de 500 anos de contato com a civilização ocidental, uma interpretação mais pessimista é a de que a situação cada dia mais desesperada da América Latina entre 1970 e 1992 tenha contribuído com a moda de um subgênero essencialmente escapista (Menton, 1993, p. 51, tradução nossa).

O crítico expõe ainda que a importância do quinto centenário para o novo romance histórico não se limita a Colombo e ao descobrimento do Novo Mundo, mas, também, corresponde ao questionamento acerca da história oficial dos latino-americanos, preocupação compartilhada por todos os países dessa geoestrutura. Por isso mesmo, uma das balizas do novo romance histórico é, nessa medida, a de que não existe uma verdade histórica; não existe apenas uma interpretação verdadeira da história ou da realidade.

Nos estudos de Seymour Menton sobre a nova novela histórica da América Latina, o crítico aponta que a realidade é inconcebível, recuperando as premissas de Borges; o caráter da história é cíclico e, ainda, a história é imprevisível. “No mundo pós-moderno de hoje, de onde se questionam todas as verdades absolutas [...], todo intento de chegar a uma interpretação total será fracassada” (Menton, 1993, p. 97, tradução nossa). Assim, a melhor nova novela

histórica é aquela pautada pelo signo da revisão histórica. Nelas, as vozes que se ouvem são polêmicas e contraditórias, por isso mesmo a denúncia do poder é inegável.

Na América hispânica, uma das técnicas desse romance está em recuperar pontos importantes da teoria de Mikhail Bakhtin (1990). Tal premissa pode ser aferida no recorrente uso da ironia, da polifonia e na configuração dúbia do personagem de ficção, por exemplo. No novo romance histórico, a criação desse tipo de personagens é pautada pela ambivalência, dando-lhe a incapacidade do fato histórico definido e imutável, como ocorre em *Los perros del paraíso*, de Abel Posse. Segundo Seymour Menton, “dentro da mesma tradição de Borges, García Márquez, Vargas Llosa, Fernando del Paso y Hayden White, Posse desconfia dos historiadores. O narrador até os acusa explicitamente de suprimir a verdade” (Menton, 1993, p. 118, tradução nossa). Para Peter Elmore, “a insistência em desmistificar ícones patrióticos ou reconstruir períodos cruciais é, em si mesma, reveladora de uma crise de consenso: os romances históricos contemporâneos delatam com sua própria existência que as mitologias nacionais latino-americanas têm perdido seu poder de persuasão” (Elmore, 1997, p. 12, tradução nossa).

A tese que levantamos aqui é a de que na América hispânica, da segunda metade do século XX, criou-se uma espécie de projeto de formulação de romances aos moldes da nova narrativa de extração histórica, dada a conjuntura também histórica pela qual passava o continente. Segundo Seymour Menton,

desde o famoso congresso do boom (Caracas, agosto de 1967), alguns dos romancistas mais distintos parecem ter seguido trilhas paralelas. Inclusive, durante esse congresso de Caracas, circulava a notícia de que se estavam preparando uma novela sobre a América Latina na qual colaboravam Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Augusto Roa Bastos e outros. O projeto nunca chegou a cabo, mas pode ter contribuído com obras tão sobressalentes como *Yo el Supremo* (1974), de Carpentier e *El otoño del patriarca* (1975), de García Márquez. Alguns anos depois, Fuentes, García Márquez e Vargas Llosa publicaram paródias da novela detetivesca: *La cabeza de la hidra* (1978), *Crónicas de una muerte anunciada* (1981) e *Quién mató a Palomino Molero?* (1986). Mais recentemente, os mesmos três autores têm publicado romances históricos: *La guerra del fin del mundo* (1981) de Vargas Llosa, *El general en su labirinto* (1989) de García Márquez e *La campaña* (1990) de Carlos Fuentes, que já havia publicado *Terra nostra* e *Gringo viejo* dentro do mesmo gênero (Menton, 1993, p. 267, tradução nossa).

De toda forma, o que vemos no novo romance histórico da América hispânica é um interesse generalizado pela história, com a intenção clara de revisá-la, descaracterizando-a. A história e a identidade nacional se tornam temas a serem desbravados. Esses romances históricos tratam da vida política hispano-americana do século XIX e insistem no papel decisivo que as práticas simbólicas cumprem na “fundação do nacional e na construção do popular: ao apresentar a história como escritura e processo, os relatos hegemônicos do passado são postos em questão” (Menton, 1993, p. 14-15, tradução nossa). No modelo da nova narrativa de extração histórica, a problemática da fundação das nações e as origens dos estados

nacionais ocupam lugar de destaque, na medida em que são reavaliadas as escrituras que outrora contaram utopicamente o processo de formação da América Latina, para pensar um contexto mais amplo.

O passado coletivo tem, com frequência, um peso traumático e perturbador nas ficções do continente. Assim, o impulso retrospectivo e a meditação sobre o tempo não servem para ensaiar uma fuga ilusória a um mundo idílico, antes, propõe o encontro com os problemas ainda não resolvidos, com conflitos todavia vigentes; nessa medida a escritura se aparelha das grandes questões da atualidade através da indagação crítica e imaginativa nas crises do passado. Não por acaso, os períodos mais visitados pela narrativa histórica latinoamericana são a Conquista e a Emancipação: o começo da experiência colonial dos séculos XV e XVI e a fundação dos estados autônomos nos quais se condensam as contradições que marcam a sociedade latinoamericana (Elmore, 1997, p. 11, tradução nossa).

Para Marco Aurélio Larios (1997), a nova novela histórica inserida na contemporaneidade se apresenta a nós como uma versão descrente da história oficial. Segundo o crítico há, por isso mesmo, um abandono da historiografia moderna, legitimadora de um único relato oficial sobre a história, propiciando uma espécie de humanização que transcende os relatos dessa ciência oficial.

Para suspender a discussão, sem a pretensão de concluí-la, talvez uma das possibilidades da voga do romance histórico na segunda metade do século XX, mais especificamente nas três últimas décadas do citado século, não diga muito além daquilo que outrora foi posto por Georg Lukács (1966) a respeito desse gênero iniciado por Walter Scott, todavia, no caso da América hispânica, por diferentes vias de apropriação da matéria narrada. Estamos falando de uma necessidade de compreender o movimento próprio da história, em prol de uma interpretação mais justa e humana acerca da história dos povos. Talvez embalados por essa necessidade, os romances históricos, como afirmou Peter Elmore (1997), apontem para períodos de transições e crises,

naqueles pontos em que se jogam com os destinos coletivos; precisamente, a farsa dos estados autônomos no século XIX, é – junto da Conquista – uma das grandes encruzilhadas do passado latino-americano. Essa tendência a concentrar-se nos momentos de fundação poderia convidar a uma suspeita, a de que a novela histórica latinoamericana se propõe à busca das raízes nacionais e continentais. Nela, contudo, o impulso retrospectivo não aspira a converter o princípio no lugar do sentido pleno, ao contrário, o que caracteriza os exemplos mais notáveis do gênero é a crítica acerca das origens da nacionalidade, no desmantelamento dos mitos patrióticos (Elmore, 1997, p. 39-40, tradução nossa).

Para isso, o exercício da releitura põe em relevo, dessacralizando, o caráter textual, ideológico, das imagens hegemônicas do passado coletivo. Todavia, em suma, o que poderíamos

garantir é que a evolução desse tipo de romance apresenta uma contínua oscilação em sua própria forma e é essa peculiaridade que o faz diferente de outras configurações narrativas. Mais recentemente, o romance histórico misturou livremente os tempos narrativos; exibiu ou não o autor dentro da obra; optou ou não pela eleição central de personagens ilustres da história, assim como pode contar com tantas outras possibilidades que estão abertas a esse modelo de narrativa, de modo que o gênero continua vivo e, sobretudo, atuando em um importante espaço: a reavaliação da história dos povos, muitas vezes negligenciada ou contada parcialmente pelos registros do passado.

Pesquisa subsidiada pelo CNPq.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 397-428.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 14. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

ELMORE Peter. *La fábrica de la memoria: la crisis de la representación en la novela histórica hispanoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

LARIOS, Marco Aurelio. Espejo de dos rostros: modernidad y postmodernidad en el tratamiento de la historia. In: KOHUT, Karl (ed.). *La invención del pasado: la novela histórica en el marco de la posmodernidad*. Frankfurt: Vervuert Verlag; Madrid: Iberoamericana, 1997, p. 130-136.

LUKÁCS, Georg. *La novela histórica*. México: Era, 1966.

_____. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Aléxis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K. et. al. (ed.). *La novela histórica: teoría y comentarios*. Barañain: Universidad de Navarra, 1995, p. 13-63.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: FCE, 1993.

Recebido em 12/1/2017

Aprovado em 20/3/2017